



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS
CURSO DE PEDAGOGIA

XX SEMANA DE EDUCAÇÃO

“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”

04 a 06 de novembro de 2021



A COMPANHIA DE JESUS E A INFÂNCIA COLONIAL BRASILEIRA: LEITURAS INICIAIS¹

Ana Luiza Taborda da Paixão
Felipe Augusto Fernandes Borges
INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ, CAMPUS DE PITANGA

Os padres da Companhia de Jesus, ao chegarem ao Brasil, chefiados por Manoel da Nóbrega, em 1549, iniciaram imediatamente um trabalho evangelístico com os indígenas. Ao longo do tempo, porém, perceberam que ao evangelizar os adultos, seus resultados eram escassos e, como se havia procedido em Goa, nos domínios da chamada Índia Portuguesa, com bons resultados, eles optaram em evangelizar, catequizar e educar preferencialmente as crianças. A Companhia de Jesus surgiu após um período de grande movimentação religiosa. Após a Reforma Protestante, a Igreja Católica se manifestou nos trabalhos de uma reforma interna, em que foram aprovados pelo Papa a atuação de algumas ordens religiosas que tinham princípios de uma fé moderna e genuína. Entre elas estava a Companhia de Jesus, fundada por Inácio de Loyola e que teve relevância em Portugal pelo grande interesse e atenção dado pelo poder real português a esta. Assim, o presente artigo tem como objetivo compreender como os pioneiros do ensino formal no Brasil, os padres jesuítas, trataram e conceberam a infância do Brasil Colonial. Para tanto, foram analisadas cartas de padres e irmãos da Companhia de Jesus, buscando menções a crianças, infância, bem como os modos de trabalho e ensino que os referidos padres usavam para com estes. As fontes de estudo deste trabalho são cartas e documentos do século XVI, em sua maioria de autoria de padres jesuítas, contidas nos três primeiros volumes da Monumenta Brasiliae, coletânea organizada pelo jesuíta Serafim Leite. Este trabalho apresenta, assim, visões iniciais do estudo em questão, com leitura e interpretação de fontes primárias.

Palavras-chave: Educação Colonial, Companhia de Jesus, Catequese, Infância.

Introdução

O presente artigo visa compreender como os pioneiros do ensino formal no Brasil, os padres jesuítas, trataram e conceberam a infância do Brasil Colonial. Ele é resultado de um projeto de iniciação científica, intitulado “Jesuítas, ‘curumins’ e portugueses no Brasil colonial: um estudo das concepções de criança e infância nas cartas

¹ Este trabalho foi financiado com bolsa de pesquisador estudante pelo Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do Instituto Federal do Paraná - PIBIC/IFPR.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS
CURSO DE PEDAGOGIA

XX SEMANA DE EDUCAÇÃO

“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”

04 a 06 de novembro de 2021



jesuíticas (1549-1560)” ligado ao curso de Pedagogia do Instituto Federal do Paraná – Campus Pitanga. O projeto foi desenvolvido de agosto de 2020 a agosto de 2021 e constituiu-se de pesquisa, leitura e estudo das cartas escritas pelos padres e irmãos da Companhia de Jesus a fim de alcançar resultados qualitativos sobre o tema.

Ao pesquisar sobre suas concepções de infância, deve-se ter como necessário o conhecimento sobre a história da Companhia de Jesus e o que movia tais padres a estarem evangelizando e educando povos não europeus. A Companhia de Jesus surge após um período de grande movimentação religiosa. Houve o período de Reforma Protestante e a Igreja Católica se manifestou nos trabalhos de uma reforma interna, onde foram aprovados pelo Papa a atuação de algumas ordens religiosas que tinham princípios de uma fé moderna e genuína. Entre elas estava a Companhia de Inácio de Loyola, que teve grande força em Portugal pelo grande interesse e atenção dado pelo poder real português a esta (COSTA, 2004; BORGES, 2018).

Em 1539 o rei D. João III pediu a Pedro Mascarenhas, seu embaixador em Roma, que entrasse em contato com um certo grupo de padres, dos quais ele tinha ouvido elogios vindos da parte de Diogo de Gouveia, teólogo e reitor do Colégio de Santa Bárbara, em Paris. Após a comprovação do que tinha ouvido, foi necessário apenas a realização de trâmites junto ao Papa para que os ditos padres desembarcassem no reino de Portugal em 1540 com o aval do rei e realizassem trabalhos evangelísticos em nome da Coroa Portuguesa (COSTA, 2004; BORGES, 2018).

Com base nesse conhecimento pode-se imaginar que as concepções dos padres jesuítas sobre a infância, principalmente da população da colônia no século XVI era bastante interessante e esclarecedora para entendermos a educação brasileira atual.

Jesuítas e crianças no Brasil Colonial

Os jesuítas ao chegar ao Brasil iniciaram imediatamente um trabalho evangelístico com os indígenas, porém perceberam logo que ao evangelizar os adultos seus resultados eram escassos e, como se havia procedido em Goa (BORGES, 2018), com bons resultados, eles optaram em evangelizar, catequizar e educar as crianças.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS
CURSO DE PEDAGOGIA

XX SEMANA DE EDUCAÇÃO

“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”

04 a 06 de novembro de 2021



Ao chegar nas terras brasileiras os padres perceberam logo suas grandes dificuldades e vantagens aparentes no processo de evangelização, sendo assim, logo, os padres passaram a visitar aldeias e pregar às pessoas, visando sua conversão e, como eles consideravam, sua salvação. Com o intuito de conquistar as crianças, eles começaram a ir viver com os índios nas aldeias aprendendo a língua e ir doutrinando-os aos poucos: "Temos determinado ir viver com as Aldeas como estivermos mais assentados e seguros, e aprender com elles a lingoa, e i-los doctrinando pouco a pouco."² (NÓBREGA, 1549, IN: LEITE, 1956, p.112)

Com tudo isso se iniciou um grande trabalho de evangelismo das crianças, os padres passaram a traduzir algumas orações ao idioma dos índios com dificuldade por não haver ninguém que servisse de intérprete, como o padre Manuel da Nóbrega afirma na mesma carta: "[...] e nom posso achar lingoa que mo saiba dizer, porque sam elles tam brutos que [nem vocabulos tem]" (NÓBREGA, 1549, IN: LEITE, 1956, p. 112).

Então, com esse preparo inicial, de estudo e tentativas de ensinar usando a língua gentia, a Companhia de Jesus começou a trabalhar com ensino e catequese dos filhos dos gentios, que era como consideravam os nativos indígenas. Em sequência a esses trabalhos eles perceberam a necessidade de se doutrinar os filhos dos cristãos. O padre João de Azpilcueta ao escrever para os padres de Coimbra, em 1550, vai comentar que aos sábados estudava o evangelho para dizer a missa as pessoas da cidade e de uma vila, onde ele doutrinava os filhos dos cristãos juntamente com escravos e escravas (AZPILCUETA, 1550, IN: LEITE, 1956, p. 184).

Ainda dentro dos trabalhos dos jesuítas com a infância surgem os chamados órfãos do rei, que eram enviados de Portugal para ajudar na doutrina dos gentios, mestiços e brancos. Eles eram enviados e passavam a conviver com os nativos da terra nos colégios e casas de ensino que os padres utilizavam, até mesmo dentro de suas igrejinhas. Em 1551 teve início a casa da Baía, onde havia filhos de gentios, mestiços da terra e sete órfãos.

² Todas as citações diretas às fontes mantiveram a escrita original constante na Monumenta Brasiliae, não sendo feita nenhuma atualização ortográfica ou gramatical destes textos.



Com esta casa, segundo o padre Antônio Pires os filhos dos gentios já deixavam seus pais para ir com os padres (PIRES, 1551, IN: LEITE, 1956, p. 263).

Antônio Pires, de Pernambuco, na mesma carta, afirmou ter muito trabalho com algumas “negras” (índias), e que muitas vinham até ele de joelhos pedindo que ensinassem a elas e a seus filhos a deixarem de ser selvagens:

Muchas destas se nos vienen a casa, y se assientan de rodillas, diciendo con mucha lástima, que hasta aqui assí ellas como sus hijos fueron salvages, que por amor de Dios las enseñemos y doctrinemos. (PIRES, 1551, IN: LEITE, 1956, p. 263).

Temos de problematizar os relatos jesuíticos, certamente. Como muitas destas cartas se tratam de cartas de certa forma “propagandísticas” da ação jesuítica, precisamos olhar com cautela os relatos e ter a consciência histórica de que, por algumas vezes, os relatos podem não ser totalmente condizentes com a realidade dos fatos.

Os padres também tinham sua realização no desenvolvimento de seus discípulos, houve uma movimentação para a questão do clero indígena, e embora houvesse muitas adversidades que impediam isso, os padres não deixavam de comentar sobre os prodígios dentre os gentios, que liam, escreviam, cantavam e poderiam facilmente aprender latim, se permanecessem pelo menos um ano na capital portuguesa (Lisboa).

Eu tinha dous meninos da terra pera mandar a V. R., os quais serão muito pera a Companhia. Sabem bem ler e escrever e cantar, e são quá pregadores, e não há quá mais que aprender; e mandava-os pera aprenderem lá virtudes hum anno e algum pouquo de latim, pera se ordenarem como tiverem idade e folgara El-Rei muito de os ver por serem primitias desta terra. (NÓBREGA, 1552, IN: LEITE, 1956, p. 353)

Mesmo assim, era decepcionante para os missionários quando os meninos voltavam aos antigos costumes e os padres queriam ao máximo amenizar essas situações. Havia percepções sobre infância e adolescência ao ler-se trechos em que os padres dizem que os meninos criados na doutrina ao virarem moços vão-se aos costumes de seus pais e a mulheres, ou sobre a necessidade de se enviar os mais rapazinhos dos meninos órfãos portugueses e da terra para a Europa. Segundo Anchieta, eram “la más perdida gente desta tierra, y algunos peores que los mesmos índios” (ANCHIETA, 1554, in: LEITE,



1957, p. 76-77). O envio destes rapazes a Portugal, Espanha e outros locais longe da Colônia serviria para que não recebessem essas influências consideradas negativas na sua fase de quase adultos e viessem a se tornar como os cristãos que viviam no Brasil, pervertidos em maus comportamentos. Anchieta continua na mesma carta afirmando que

Por esso a parecido a N. Padre, junto con todos los Hermanos, a quien todo lo comunico, encomendándolo a N. Señor, que será muy gran servicio de Dios tenellos y criallos en la mesma cuenta que los índios, y como llegaren a anos de discretión mandarlos a Hespana, onde aj'menos inco[n]venientes y peligros para ser ruínas que acá: onde las mugeres andan desnudas y no se saben negar a ninguno, mas aun ellas mesmas acometen y importunan los hombres ecliándose con ellos en las redes, porque tienen por honrra dormir con los christianos.(ANCHIETA, 1554, in: LEITE, 1957, p. 77)

Os padres queriam ao máximo conservar aquele que já seguiam a doutrina cristã, como os órfãos portugueses, mas também buscavam soluções aos órfãos da colônia que estavam crescendo e já entrando na sua puberdade, separando e organizando os ensinamentos e doutrinas pela idade e fases da vida de cada criança.

O ensino e o batismo

Os padres realizavam trabalhos com indígenas, filhos de colonos, mestiços (chamados mamelucos) e crianças órfãs trazidas de Portugal. Eles ocupavam grande parte do tempo ensinando os filhos dos índios, por considerá-los necessitados na fé e nos bons costumes, com os quais geralmente iniciavam com a catequese e buscavam entender a língua local para traduzir orações e louvores a Deus.

Como os padres sofriam de carência de mantimentos e recursos provindos de Portugal, tratavam de conseguir esmolas e apoio da comunidade local para construir casas e colégios, onde pudessem ensinar as crianças. Como dito, enviava-se de Portugal meninos órfãos para conviver com os filhos dos gentios. Eram os chamados órfãos do Rei, trabalho muitas vezes visto pelos padres com bons olhos e com possibilidades daquilo que eles denominavam de “grandes frutos”. Destes ninyos embió el Rey el anyo passado siete al Brasil para ensenar a los hijos de aquellos gentiles. Tengo cartas dellos del grandíssimo fructo que allá hazen [...] (DOMENECH, 1551, IN: LEITE, 1956, p. 214).



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS
CURSO DE PEDAGOGIA

XX SEMANA DE EDUCAÇÃO

“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”

04 a 06 de novembro de 2021



Essas pessoas a mais geravam custos e os irmãos da Companhia tentavam ao máximo sustentar esses meninos. No geral a doutrina dos meninos apresentava as seguintes características: as crianças eram levadas duas ou mais vezes à escola, dependendo dos trabalhos que eles realizavam nas aldeias com seus pais, havia uma preferência de frequência pelo período da manhã, porque à tarde os meninos iam à caça ou pesca. Nas tribos onde se realizavam tais tarefas, e ao contrário do que culturalmente ouve-se, alguns dos padres consideravam os indígenas entes trabalhadores como afirma o Irmão Anchieta na sua carta trimestral de 1556:

Expliquei suficientemente na carta anterior como se faz a doutrina dos meninos: quase todos vêm duas vezes por dia à escola, sobretudo de manhã; pois de tarde todos se dão à caça ou à pesca para procurarem o sustento; se não trabalham, não comem. (ANCHIETA, 1556, IN: LEITE, 1957, p. 308)

Havia diferenças nos trabalhos de ensino. Na província da Baía fez-se uma igreja nomeada São Paulo, a qual levou os padres a fazer o ensino todas as tardes durante três ou quatro horas, já que pela manhã os meninos da região iam à pesca com os pais pelo mar, atividade que lhes dava sustento e a igreja era dos lugares onde eles habitavam distante. Pelos relatos, eram crianças que liam, escreviam, cantavam e alguns já ajudavam na missa, como afirma Nóbrega em 1559:

Aqui há escola dos meninos, que são pera isso, cada dia huma só vez, porque tem o mar longe e vão pelas menhãs pescar pera sy e pera seus paes, que não se mantém doutra cousa, e às tardes tem escola tres oras ou quatro (NÓBREGA, 1559, IN: LEITE, 1958, p. 51)

Eles consideravam extremamente importante ensinar sobre a fé cristã, mas tinham muita preocupação em ensinar a leitura e a escrita, como processo de alfabetização dos pequenos. Os padres consideravam a confissão algo comum entre crianças, pois, pela leitura dos documentos, não observa-se nenhum comentário particular de que a confissão acontecia pela falta de inocência das crianças, pelo contrário, parecia ser um meio de introduzir eles aos costumes dos adultos, baseados nos textos bíblicos que dizem haver necessidade de se ensinar o caminho pelo qual a criança deveria andar, já que após o batismo o sacramento da confissão era necessário:



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS
CURSO DE PEDAGOGIA

XX SEMANA DE EDUCAÇÃO

“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”

04 a 06 de novembro de 2021



Muitos confessaram-se este ano, e fizeram-no em muitas outras ocasiões do que não tivemos pouca alegria; pois alguns **confessam-se com tal pureza e distinção**, e sem deixarem sequer as mais mínimas coisas, **que facilmente deixam atrás os filhos dos cristãos**:(ANCHIETA, 1556, IN: LEITE, 1957, p. 308, grifo nosso)

Sobre o ensino aos mamelucos os padres também discorrem, sendo que em 1554 o Padre Antônio Blázquez afirma que os mamelucos ensinados na capitania de Porto Seguro escreviam razoavelmente, os grandes já sabiam toda a doutrina e os pequenos quase toda. Comemora pelo fato deles saberem o rosário de Nossa Senhora e da Coroinha do Menino Jesus. Os padres também se encarregam da formação moral destes, ensinando-os a permanecer quietos na igreja e a obedecer seus pais. "Ensénoles a estar quietos en la yglesia y a ser obedientes a sus padres, los quales estan muy contentos por los aver tomado nosotros a cargo de los enseñar."(BLÁZQUEZ, 1554, IN: LEITE, 1957, p. 59).

Men de Sá, Governador Geral do Brasil, afirma, em 1560, que na capitania do Rio de Janeiro ele mandou fazer tronco e pelourinho em todas as aldeias e disse ao meirinho (principais das aldeias, mandados pelo Governador à prender e castigar os delinquentes) para meter os moços que fugiam da escola nele, tendo a autoridade aquele que ensinava em tal vila, traçando um certo apoio político aos trabalhos realizados pelos padres no Brasil, já que eles detinham grande poder na educação daquele tempo,

Também mandei fazer tronco em cada vila e pelourinho, por lhes mostrar que tem tudo o que os cristãos tem, e para o meirinho meter os moços no tronco quando fogem da Escola, e para outros casos leves, com autoridade [de] quem os ensina e reside na vila. D[isto] são muito contentes, e recebem melhor o castigo que nós. (SÁ, 1560, IN: LEITE, 1958, p. 172)

Esse ensino era livre, mas apresentava regras que deveriam ser obedecidas e levadas em consideração, principalmente quando os padres iniciaram seus trabalhos voltados pela ordem do castigo, como forma de manter novos convertidos na linha do cristianismo, ainda que estes fossem crianças e moços indígenas.

O batismo era realizado para a salvação das almas das crianças, ocorre que em cartas, percebe-se que os padres não batizavam as pessoas em geral com tanta rapidez,



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS
CURSO DE PEDAGOGIA

XX SEMANA DE EDUCAÇÃO

“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”

04 a 06 de novembro de 2021



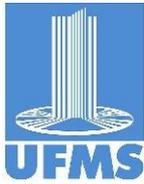
havia o ensino da doutrina e dogmas da igreja de forma cíclica até estes serem considerados aptos. Já as crianças, consideradas puras, eram batizadas desde bebês até maiorzinhas para que se ocorresse sua morte, como acontecia em vários casos citados de enfermidades desconhecidas que se abatiam sobre elas, houvesse salvação mesmo sem terem tido estudo teológico, por serem seres inocentes aos olhos dos padres. Isso ocorre no caso citado da carta de Leonardo Nunes de 1551, em que o padre diz ter buscado na aldeia um homem branco (pai), uma índia (mãe) e duas meninas, a maior de oito anos. Na carta ele afirma ter batizado as crianças e estar preparando a mãe ao batismo, comprovando que as crianças eram batizadas sem muitos ensinamentos, e os adultos não, porque os grandes tinham que ter conhecimento de suas práticas e mudá-las,

Este mes de Mayo passado fui entre los índios a buscar un hombre blanco que andava entre ellos y dos hijas que tenía nacidas allá, y la maior será de 8 annos. Entre ambas estavam por baptizar, y la madre lo mesmo; téngolos aora aqui padre y madre **y hijas, las quales baptize; la madre no, porque la hago enseñar.** (NUNES, 1551, IN: LEITE, 1956, p. 235, grifo nosso)

Entende-se, porém, certas contradições nesses conceitos, por haver situações em que todas as crianças não eram batizadas, algumas sim, e outras não, supondo-se que os padres tratavam as crianças com aparência mais inocente de forma mais condescendente. Havia dentro das capitâneas as hierarquias de ensino, admitia-se algumas crianças para o batismo e outras entravam nas casas para o ensino da catequese.

Na Escola, muito bem ensinados pelo Mestre António Rodrigues, encontram-se 15 já baptizados e outros, em maior número, ainda catecúmenos. [...] Nesta Aldeia, foram admitidos para o catecismo 130 e para o baptismo 36, de toda a idade e de ambos os sexos. Ensina-se-lhes todos os dias duas vezes a doutrina cristã, e aprendem as orações em português e na língua própria deles. (ANCHIETA, 1554, IN: LEITE, 1957, p. 106)

Em uma carta de 1557 o padre Manuel da Nóbrega afirma mandar muitos meninos ao Senhor com o batismo, e muitos que parecem querer morrer revivem após serem batizados (NÓBREGA, 1557, IN: LEITE, 1957, p. 402). Isso é reafirmado pelo padre Antônio Pires em uma carta de 1558, onde ele ainda diz que os pais das crianças que vivem se sentem muito felizes e os das que morrem dizem que os padres os matam



com o batismo (BLÁZQUEZ, 1558, IN: LEITE, 1957, p. 431), o mesmo vai se aprofundar no assunto e especificar mais em outra carta de 1558,

Os de Sam Paulo, primeira povoação, são todos christãos, scilicet meninos e meninas até quatorze annos e cada dia se bautizão nelles, porque os que nadem de novo todos os trazem a bautizar e estes pasarão de dozentos. Os outros de mais idade e que podem já ter peccado mortal, não bautizamos senão confessando-sse e tomando estado de vida, de serviço de Nosso Senhor, e destes se vão despondo muitos dos grandes pera cedo bautizáremos e casáremos huma boa somma; e esta ordem se terá en todas as outras povoações. (PIRES, 1558, IN: LEITE, 1957, p. 472)

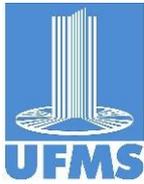
O texto acima especifica a diferenciação de tratamento das crianças para os outros, podendo-se tratar ainda que aqueles jovens com mais de 14 ou 15 anos já eram considerados pecadores, por estarem na sua fase de adolescência.

Os chamados inocentes eram as crianças que para os padres não possuíam pecados, eles lamentavam sua morte, mas glorificavam a Deus por aqueles que morriam batizados, porque apesar de serem inocentes precisavam do batismo para salvação, como afirma Anchieta: “Entre estes também alguns inocentes passaram ao Senhor, depois de recebido o baptismo” (ANCHIETA, 1554, IN: LEITE, 1957, p. 107).

O ensino das meninas

As meninas eram um caso diferenciado para os padres, enquanto eles formavam os indiozinhos para serem bons cristãos, com as meninas a intenção era formar para serem boas mulheres.

Ainda que eles tivessem o desejo de fazer casas específicas para a criação de meninas, os padres trabalhavam com elas juntamente com os meninos, dependendo de como cada um interpretava a situação. Padre Brás Lourenço, por exemplo, entendia que poderia sim haver o ensino das meninas, tanto que Francisco Pires ao escrever à Nóbrega afirma que Brás Lourenço ao ver a falta de fé dos brancos tomou para si o encargo da escola e passou a ensinar meninos: “mas a los demás, **ninas** i la otra más gente; y vienen cada dia una cierta ora a la iglesia, para la qual ora se tanhe el sino” (PIRES, 1557, IN: LEITE, 1957, p. 376, grifo nosso).



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS
CURSO DE PEDAGOGIA

XX SEMANA DE EDUCAÇÃO

“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”

04 a 06 de novembro de 2021



Em 1557, Padre Luís Gonçalves afirma que seria bom ao Brasil algumas “boas mulheres velhas” para criar as meninas e casá-las, como pode-se ver a seguir: “[...] y aun pensamos que será bueno llevar de acá buenas mujeres viejas que criassen las ninas para casallas con estos por tiempo” (CÂMARA, 1557, IN: LEITE, 1957, p. 421).

Padre Antônio Blázquez afirma que era desejo do Padre Nóbrega pedir a Rainha que enviasse mulheres virtuosas para ensinar as “hijas”, já que o padre ensinava os “hijos” (BLAZQUEZ, 1559, IN: LEITE, 1958, p. 137). Isso pode-se observar dentro das mensagens dos padres, o desejo de ensinar as meninas, mas a falta de mentoras mulheres que as ensinassem nos formatos europeus de cultura e costumes, isso se aliava a pouca disponibilidade real de as ceder causava uma grande barreira neste trabalho. “Y temo que fuesse esta grande inventión dei enemigo vestirse de la sancta pobreza para impedir la salvación de muchas ánimas” (NÓBREGA, 1561, IN: LEITE, 1958, p. 365).

Havia também um desejo de doutrinar as meninas pela visão de futuro dos padres, que imaginavam que quando os meninos das suas escolas ficassem moços poderia haver casamentos deles com as moças formadas pelas “mulheres virtuosas” que tratariam do casamento como o faziam às moças europeias. Pode-se notar isso nesta carta de Nóbrega de 1561: “Y aún si fuesse tanto, no temia por desacertado adquirirse para casa de ninas de los gentiles, de que tuviessen cargo mugeres virtuosas, con las quales después casassen estos moços que doctrinásemos.” (NÓBREGA, 1561, IN: LEITE, 1958, p. 365).

Nas cartas quase não há relatos sobre as meninas e os seus ensinamentos, mas pode-se ver que elas eram consideradas (ainda que informalmente) e estavam presentes no período de trabalho jesuítico no Brasil como se vê nessa rara descrição escrita que se refere às meninas:

Como lo encontraron, lo saludaron con summa alegría, primeramente la gente anciana, y después venían los niños con sus girnaldas en la cabeza y, hecha su reverencia, lo saludaban diciendo con las manos levantadas: “Loado sea Jesú Christo!” y el Padre les hechava su bendición. **A la entrada de la población salieron las ninas, que sigen la doctrina, para que también le diesse su bendición.** (BLAZQUEZ, 1561, IN: LEITE, 1958, p. 404, grifo nosso).



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS
CURSO DE PEDAGOGIA

XX SEMANA DE EDUCAÇÃO

“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”

04 a 06 de novembro de 2021



A falta de relatos sobre doutrina de meninas deve-se, provavelmente também, ao baixo status social que as mulheres, de forma geral, ocupavam naquela sociedade e tempo. Separadas da vida pública, as mulheres eram àquele tempo relegadas a um segundo plano, sendo as atenções voltadas aos feitos dos homens, o que explica a falta de importância dispensada também às meninas.

Casas, colégios e o uso das “crianças evangelistas”

Os padres jesuítas tinham um programa de construção de colégios muito aprimorado, eles percebiam onde haviam mais chances de haver discípulos formados e ali faziam suas casas de ler e escrever, ensino e catequese para fins evangelísticos. No Brasil, como em outros domínios portugueses, os jesuítas sofriam sérios problemas com o financiamento dessas casas e colégio, pois embora houvesse da parte deles a intenção de construção e expansão de tais estabelecimentos de ensino, o dinheiro enviado pela Coroa, não era suficiente, pelo menos nos anos iniciais de seu estabelecimento no Brasil. Ocorria que, em muitos casos, eles apelavam para as esmolas dadas por ricos da colônia e também para a ajuda dos colonos brancos.

Se vê um exemplo do apoio dos brancos à causa nesta carta de padre Manuel da Nóbrega de 1551, em que ele afirma que os moradores de Pernambuco, na Vila de Olinda ajudavam os padres a construir a casa para eles criarem os meninos dos gentios: "Os moradores destas Capitâneas ajudão com ho que podem ha fazerem-se estas cassas pera os meninos do gentio se criarem nelas, e será grande meio, e breve, pera ha conversão do gentio." (NÓBREGA, 1551, IN: LEITE, 1956, p. 293)

Outro exemplo é esta carta da capitania de São Vicente, onde um irmão do Brasil escreve sobre as “novas da terra”, este não sendo citado por outros autores da Companhia e não mencionando seu nome nos escritos, Leite escreve nas notas sobre o autor que este estava com Nóbrega e Pires e pregava na língua Tupi e que "í fué tanta la devoción deste pueblo, que se yuntaron todos los principales dél y pidieron al Padre Nóbrega que biziessen allí una casa para se sustentar y enseñar niños, que ellos todos ayudarían con quanto pudiessen." (CARTA DE UM IRMÃO DO BRASIL, 1553, IN: LEITE, 1956, p. 427)



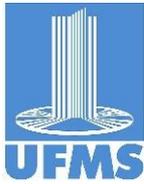
Os padres não tinham um número mínimo e nem máximo para a quantidade de crianças dentro das casas, eles vão falar sobre casas com quatro, e até casas com cem ou mais crianças, mantidas, alimentadas e ensinadas por eles, sendo estas (as crianças) sustentadas com as esmolas e o pouco auxílio dado pela Coroa portuguesa.

Ya tenemos en esta casa por la bondade dei Señor más de dozientos niños yndiozicos que continuamente se ocupan en la doctrina y cosas pertenecientes a la fe. Espero en el Señor que muy presto llegarán a dozienitos y cinqüenta, porque dei Carón traen los padres a sus hijos y me los entregan con grande edificación de palabras; y tomando cada uno su hijo por la mano me dicen: «Véis aqui mi hijo? Ensefiadlo, poco a poco aprenderá y después yrnos ha enseñiar las cosas dei Señor». (RODRIGUES, 1559, IN: LEITE, 1958, p. 126)

Nessas casas e colégios os padres tinham crianças indígenas, órfãos portugueses (em alguns casos) e os chamados órfãos da terra. Isso pode ser observado na carta de José de Anchieta que afirma ter recebido meninos órfãos de Portugal, o que levou eles a recolher também os órfãos nativos para si, como afirma ele “prencipalmente de los mestizos de la tierra, assí por los amparar y enseñar, porque es la más perdida gente desta tierra, y algunos peores que los mesmos índios” (ANCHIETA, 1554, IN: LEITE, 1957, p. 76).

Em São Paulo de Piratininga, o padre narra o mantimento de quatro ou cinco órfãos da terra, filhos de pai português e mãe brasílica, que viviam com os padres seguindo os costumes da Companhia e eram reservados ao Colégio caso o fossem criar: "Cuatro ou cinco meninos órfãos, dos que nasceram de pai português e mãe brasílica, vivem em nossa casa sujeitos aos Padres e reservados para o Colégio, se se vier a fazer." (ANCHIETA, 1554, IN: LEITE, 1957, p. 103)

Com o crescimento dos colégios e o desenvolvimento das crianças na fé cristã, os padres passaram a sair com elas e ir a aldeias levando-as como anunciadores do evangelho, porque lhes parecia bonito e edificante os pequenos pregando aos seus semelhantes as coisas que os padres diziam. Eles saíam em procissão com a cruz e os meninos em duplas ou trios a frente, pregando que Jesus era o salvador, filho de Deus e anunciando que a salvação chegava aqueles lugares, falando do céu e inferno e



“envergonhando os feiticeiros”, “para espanto das pessoas dos lugares”. Tem-se isto narrado na carta dos meninos órfãos (PIRES, 1552, IN: LEITE, 1956, p. 378).

Como modo jesuítico, os padres deixaram os meninos cantarem os sermões ao seu modo, puxando os velhos, velhas e jovens com eles como afirma na sequência da mesma carta.

Este jeito era importante para que se conquistasse a confiança dos adultos e se ajuntassem mais crianças, o Padre Nóbrega ia com alguns irmãos e meninos, um menino carregava a cruz e iam todos cantando e entrando nas aldeias. Segundo os relatos dos padres, as pessoas se maravilhavam com a novidade, alguns meninos dos lugares deixavam os pais e iam com os padres. “[...] y quando se partían de los lugares también salían cantando las letanías, y algunos [ii2v] de los ninos dexavan a sus padres y madres y ívanse con ellos.” (CORREIA, 1554, IN: LEITE, 1957, p. 67)

Os Pecados

Os padres evangelizavam as crianças indígenas, mestiças e brancas do Brasil colonial com o intuito de mantê-las longe dos pecados praticados pelos gentios e pelos próprios portugueses, como as bebedeiras, imoralidades sexuais, etc. Por isso, quando acontecia dos maiores, criados na doutrina cristã, a deixarem e seguirem por caminhos como este havia dentro da Companhia uma grande decepção e preocupação.

Alguns dos meninos órfãos chegados no Brasil deram trabalho aos padres, pela forma que eles iriam viver e se alimentar no Brasil, e também pela sua inclinação com as mulheres da terra que andavam seminuas e não seguiam os costumes cristãos. Pelo seu comportamento considerado pelos padres como subversivo tais meninos eram tratados como “perdidos nas coisas espirituais”

Estes mininos achegarão quando eu de Porto Seguro[^] e nos derão alguma perturbação polo pouco gasalhado e maneira de com que os manter há nesta terra,[...]

estes mininos são nesta terra perdidos, ainda nas cousas spirituaes, pola grande soltura da gente delia, porque as molheres andão quá nuas e são tão roins, que andão trás estes moços pera pecarem com elles e enganão-nos, e elles que facilmente se deixão enganar. (PIRES, 1555, IN: LEITE, 1957, p.232).



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS
CURSO DE PEDAGOGIA

XX SEMANA DE EDUCAÇÃO

“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”

04 a 06 de novembro de 2021



Os padres também tratavam das crianças com preguiça de ir à escola ou a igreja, eles instruíam os alunos mais chegados a fazer seus colegas vagarosos irem com eles, mandando buscá-los caso não aparecesse nas aulas. "Y quando alguno es perezoso y no quiere venir a la escuela, el Hermano que tiene cargo dellos lo manda buscar por los otros, los quales lo traen preso y lo toman a cuestras con mucha alegria." (CORREIA, 1554, IN: LEITE, 1957, p. 70).

Havia também o problema daqueles que abandonavam a fé depois de convertidos, principalmente aqueles pertencente aos povos nômades, pois depois de um tempo na mesma terra eles mudavam de região e muitos dos meninos que se criavam com os padres iam embora com seus pais e passavam a praticar os costumes deles dentro das aldeias. Anchieta vai escrever sobre este problema em uma de suas cartas, em que afirmou que “os mesmos mochachos, que quasi criamos a nossos peitos com o leite da doutrina christã, depois de serem já bem instruídos, seguem a seus pais primeiro em a habitação e depois em os costumes” (ANCHIETA, 1556, IN: LEITE, 1957, p. 313), texto que prossegue com a narração de uma mudança que explicava muito do que acontecia na evangelização do Brasil colônia.

Porque os dias passados, apartando-sse daqui alguns destes a outras moradas, levarão consigo boa parte dos moços, e agora a mayor parte dos que ficarão se mudou a outro lugar, onde possa viver livremente como soya, aos quais necessariamente ão-de imitar os filhos asi divisos, nem se podem ensinar, nem eiles muito o desejo, e ainda sobretudo não há quem queira ser ensinado. (ANCHIETA, 1556, IN: LEITE, 1957, p. 313).

O último grande problema eram aqueles que na adolescência passavam a descobrir o mundo onde viviam, os padres tratam eles como a seus pais, entregues a luxúrias e imoralidades que se seguiram a vida adulta gentil. Anchieta afirma sobre eles que estes ultrapassaram seus pais em maldade e comparava que como eram extremamente bons quando crianças, sendo extremamente obedientes e entregues aos costumes cristãos, na puberdade passavam a ser desenfreados em atitudes ruins, não espantado por tal atitude, já que os brancos também se entregavam desta maneira às coisas mundanas.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS
CURSO DE PEDAGOGIA

XX SEMANA DE EDUCAÇÃO

“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”

04 a 06 de novembro de 2021



De los mochos, que luego en el principio fueron enseñados en la escuela en christianas costumbres, cuya vida quanto era más diferente de la de sus padres, tanto maior ocasión dava de loar a Dios y recibir consoliación, no querría hazer mentión por no refrescar las llagas que parece algún tanto estar ya curadas. De los quales diré solamente que como llegaron a los anos de pubertad y comiençaron a poder consigo, vinieron a tanta corrupción que tanto sobrepujan agora a sus padres en maldad quanto antes en bondad, con tanto maior desverguença y desenfrenamiento se dan a las borracherías y luxurias quanto con maior modéstia y obediencia se entregavan dantes a las costumbres christianas y divinas enseñanças. Trabajamos mucho con ellos por los reduzir al camino derecho, ni nos espanta esta mudança pues vemos que los mesmos christianos hazen de la mesma manera. (ANCHIETA, 1560, IN: LEITE, 1958, p. 262)

Vê-se a mágoa pela mudança de comportamento desses jovens, já que o padre ao narrar as mudanças de comportamentos expressa sua decepção ao ver um trabalho perdido, quando se trata no quesito de conversão daquela gente, já que até as tão obedientes crianças se tornavam absolutamente rebeldes quando se tratava do fato de seguir os ensinamentos cristãos. Para os irmãos da Companhia esses jovens receberiam de Deus o castigo pela sua falta de amor ao evangelho.

Considerações Finais

Os padres jesuítas tinham dentro dos seus ensinamentos as claras funções de evangelizar e doutrinar as crianças, eles tinham a intenção de ensinar a língua portuguesa, a leitura e a escrita para que as crianças pudessem entender e obedecer às doutrinas da fé católica. Esses homens demonstravam nos escritos interesse e carinho pelas crianças, como sendo filhos e filhas de Deus, para eles cada um dos pequenos batizados era uma alma levada ao reino dos céus.

Os irmãos tinham concepções individuais das fases da vida. Alguns padres poderiam afirmar que certa idade era uma parte da infância e outro poderia dizer que a mesma seria parte da juventude ou puberdade. O que se percebe é que independente das concepções da época discorrida por teóricos, a infância para os padres seria até os doze anos, variando de acordo com o padre, a criança e o comportamento e entendimento de ambos, dos doze até provavelmente o casamento desses jovens, eles eram rapazes ou “mochacos”, porém isso pode ser facilmente mudado se considerarmos cartas de alguns



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS
CURSO DE PEDAGOGIA

XX SEMANA DE EDUCAÇÃO

“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”

04 a 06 de novembro de 2021



padres, já que como dito anteriormente, mudando os atores, muda-se a atuação no espetáculo.

Havia ainda as diferenças na aplicação das doutrinas e nos desenvolvimentos pedagógicos jesuítas, havia quem julgasse negativamente a forma jesuítica de aproximar o ensino da realidade indígena (um conceito bem “moderno de ensino”) e havia os que apoiavam. O batismo a princípio era realizado para os bebês somente e os maiores recebiam este após o ensinamento, porém havia casos onde isso não era levado em consideração. Os padres faziam um grande trabalho evangelístico, mas com os resultados negativos ao longo dos anos havia quem disse que eles deveriam parar de investir tanto nos meninos da terra.

Há nesses documentos diferentes conceitos e concepções, mas o que prevalece é a grande vontade dos padres em ensinar a fé cristã às crianças, há destaque nos sonhos e desejos de crescimento dos padres, que queriam sempre estar crescendo nos trabalhos do Brasil e sempre passando a melhor imagem possível do que eles estavam passando no dia a dia.

Este trabalho apresenta, assim, visões iniciais do estudo em questão, com leitura e interpretação de fontes primárias. Como continuidade, num segundo momento do trabalho de pesquisa, será necessário um maior levantamento bibliográfico para compreender o que outros pesquisadores já produziram sobre o tema, e assim maturar nossa compreensão do mesmo. Outros trabalhos e caminhos de pesquisa se abrem na conclusão desta.

REFERÊNCIAS

BORGES, Felipe A. F. **Jesuítas no “Estado da Índia”**: o Seminário de Santa Fé e o Colégio de São Paulo em Goa (1541-1558). 256f. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Maringá. Maringá. UEM, 2018.

COSTA, Célio Juvenal. **A racionalidade jesuítica em tempos de arredondamento do mundo**: o Império Português (1540-1599). Tese de doutoramento (Educação). Piracicaba: Universidade Metodista de Piracicaba, 2004.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS
CURSO DE PEDAGOGIA

XX SEMANA DE EDUCAÇÃO

“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”

04 a 06 de novembro de 2021



LEITE, Serafim (org). **Monumenta Brasiliae. Volume I (1538-1553)**. Roma: A Patribus Eiusdem Societatis Edita 1956. Monumenta Historica Societatis Iesu, v. 79.

LEITE, Serafim (org). **Monumenta Brasiliae. Volume II (1553-1558)**. Roma: A Patribus Eiusdem Societatis Edita 1957. Monumenta Historica Societatis Iesu, v. 80.

LEITE, Serafim (org). **Monumenta Brasiliae. Volume III (1558-1563)**. Roma: A Patribus Eiusdem Societatis Edita 1958. Monumenta Historica Societatis Iesu, v. 81.